

Marta Campos Hein

## O ENSAÍSMO LITERÁRIO NO BRASIL

Em balanço de 1972 sobre a produção literária brasileira, louvava Antônio Cândido o que chamou de "notório refinamento e progresso na crítica literária em geral", entendendo aqui como crítica literária tanto o ensaio acadêmico erudito como os artigos de suplementos literários e a chamada "crítica de rodapé", a que ainda restava nos jornais.<sup>1</sup> Mais recentemente, em artigos polêmicos ou ensaios eruditos, Luiz Costa Lima tornava claro como a prática da reflexão teórica ainda era vista, mesmo nos meios acadêmicos, como perniciosa ao bom-mocismo das "belas-letras" e como a teorização sobre o objeto literário estaria longe de se tornar comum aos estudiosos da literatura. Hoje mesmo, não seria exagero afirmar que fora do eixo Rio-São Paulo poucos são os ensaístas de literatura que não se arrepiam à idéia de encarar seu objeto de estudo como ciência e estejam aptos a dar alguma contribuição ao avanço da discussão sobre ele, sem ao mesmo tempo sofrerem com a idéia de que o estão matando, à medida que o tomam como matéria de reflexão científica. Eis aí a pasmaceira com que se desenvolvem os estudos interpretativos e históricos de literatura no Brasil, resultado de carência teórica e metodológica dificilmente ocultável. Tome-se, à guisa de exemplo, a predominância, nas histórias literárias, dos chamados métodos positivistas de classificação de obras e períodos, ou, nos estudos interpretativos, dos estruturalismos dos mais variados matizes, que escorregam da psicanálise à antropologia com a mesma desenvoltura de quem passeia pelos boulevards de Paris, em busca de estar em dia com a última moda. Para não falar na escassez de estudos teóricos propriamente ditos, só não relegados ao total descaso graças aos esforços de uns poucos, entre os quais os dois supra-citados teóricos.

Sem nos atermos às razões desta apatia em relação à prática da reflexão teórica, que certamente remontam às nossas raízes coloniais, lembraremos

---

1 Cândido, Antônio: "A literatura brasileira em 1972", in: *Revista Iberoamericana*, janeiro - junho, Pittsburg 1972, p. 5.

apenas que vinte anos de regime ditatorial foram mais que suficientes para fortalecer entre nós doenças teríveis como a indiferença e a falta de curiosidade intelectuais e o dogmatismo. Orgulhamo-nos de ter sido o caso brasileiro diferente do de outros países da América Latina, como a Argentina e o Chile, onde o regime vigente realmente privou gerações inteiras de qualquer questionamento, conseguindo manter também a Universidade sob o domínio do autoritarismo, do medo e da paralisia mental. No Brasil, por sua vez, as contradições vigentes dentro do sistema foram tais a permitir que entre suas brechas houvesse espaço para reações críticas, como a criação dos cursos de pós-graduação, na década de 70, e do Centro Brasileiro de Pesquisas (CEBRAP), por um grupo de professores da USP que havia sido banido das salas de aula. Sem falar na realização anual das reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), revestidas sempre de forte caráter político e, por isso mesmo, mais que uma vez reprimidas pelas forças autoritárias do regime. Ora, também no Brasil a Universidade não ficou de todo imune ao clima de medo reinante na sociedade: tome-se como um bom motivo para isso pelo menos a infiltração de agentes do governo no meio universitário e a delação de estudantes e professores por tais elementos. Em ambiente tão distante daquilo que se costuma entender por Universidade, fica claro que a prática do debate e do livre questionamento fica impedida. Ruim para a ciência, pior para a comunidade intelectual. Se, durante esse período, o sistema intelectual brasileiro não deixou de ser deficiente, pelo contrário, tornou-se mais, formaram-se à sombra de velhos mestres, em escolas tradicionais do país ou no exterior, figuras individuais que vão aos poucos mudando a face de nossa cena cultural. A reflexão teórica e a crítica vão perdendo o caráter herético que possuíam, passando a ser o instrumento da própria prática intelectual. É possível acrescentar alguns nomes àqueles que em 1972 foram citados por Antônio Cândido e ter esperança de que o trabalho destes e de seus epígonos seja a tessitura onde o pensamento se mova com a dinâmica que lhe é própria. O balanço que procuraremos fazer não será menos superficial e incompleto do que todos os balanços.

### **Antônio Cândido e a sociologia da literatura**

Creio ser unânime entre os estudiosos da literatura no Brasil apontar Antônio Cândido como o "mestre" que passou e vem passando às gerações posteriores o esteio de uma reflexão literária baseada numa compreensão ao mesmo tempo social e interna do fenômeno literário. Suas obras revelam uma

coerência, uma maturidade e um profundo entendimento das ligações entre o objeto artístico e literário e a vida social, ao mesmo tempo em que o compreendem em toda a sua complexa autonomia. Em torno de Antônio Cândido formaram-se, tanto na Universidade de São Paulo como em Universidades do Rio de Janeiro, herdeiros e seguidores do seu pensamento que têm, através de uma produção contínua, reconhecido ao objeto literário seu estatuto de ciência. Desde o seu *Introdução ao método crítico* de Sílvio Romero (1945), passando por *Brigada ligeira* (1945) e *Ficção e confissão* (1956), Antônio Cândido tem evoluído de uma visão da literatura como dependente da organização social para um entendimento mais amplo da dialética que liga literatura e sociedade, compreendendo aquela em sua natureza própria e na relação de seus elementos.

As incursões deste autor vão da análise interpretativa de obras nacionais ou não à historiografia literária. Neste último campo são, por assim dizer, "clássicos" os seus dois volumes de *Formação da literatura brasileira* (1959), sendo deles não menos famoso o prefácio, onde o autor deixa nítida a noção de literatura como sistema, idéia básica sobre a qual também se assentará mais tarde a chamada "estética de recepção". O esteio de suas idéias se encontra, porém, em *Literatura e sociedade* (1972), onde expõe uma concepção de literatura como organismo sobre o qual incidem diferentes fatores, que o motivam e condicionam, sem que, no entanto, se possa determinar a priori a primazia de nenhum deles.

### Afrânio Coutinho e o New Criticism

A importância de Afrânio Coutinho situa-se menos na área do ensaísmo que na de historiografia literária, tendo em vista que muito teorizou sobre a crítica mas pouco ou nada a exerceu, não se conhecendo, de sua vasta obra, exemplos de análises interpretativas. O que o distingue sobretudo, no panorama das nossas letras, é ter introduzido entre nós, na década de 50, os princípios do "new criticism" americano (a "nova crítica"), que se encontra em *Da crítica e da nova crítica* (1957).

São inúmeras e importantíssimas as obras que dirigiu e organizou. A principal delas, *A literatura no Brasil* (1955), é uma obra conjunta em vários volumes que encarna uma moderna concepção de história literária. Como ensaísta, exerce uma crítica cujos pressupostos teóricos se baseiam na noção aristotélica do Belo como essência e da literatura como fenômeno produtor de "literariedade", qualidade esta também de conteúdo imanentista e por isso

de definição sempre fugidia, dependente do "bom-gosto" do crítico ou do leitor. No final das contas, a tarefa crítica adquire, segundo tais pressupostos, um caráter de autoritarismo, passando o crítico a ser o juiz que decide o que é ou não literário, o que é bom e onde está a Verdade.

Antônio Cândido e Afrânio Coutinho pertencem assim a uma primeira geração de ensaístas que iniciou os estudos críticos de literatura no Brasil. Aquele se pôs à frente do grupo da Universidade de São Paulo, tendo organizado também o Curso de Letras da Universidade de Campinas, enquanto este se mantém na direção dos estudos literários na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Um e outro representam linhas de pensamento diferentes, das quais resultaram orientações teóricas inteiramente distintas nas duas Universidades, a primeira seguindo uma linha mais sociológica, de raízes francesas, e a segunda, uma linha liberal, de origem americana. O trabalho dos dois ensaístas tem continuidade a partir da geração seguinte, formada por críticos nascidos mais ou menos na década de 30, que, por sua vez, já têm discípulos entre a geração de críticos mais jovens.

### **Luiz Costa Lima e a reflexão sobre o ficcional**

Creio poder afirmar, sem vacilações, ser a obra de Luiz Costa Lima ocupante de um lugar ímpar na ensaística brasileira. Nada melhor para definir a trajetória de seu pensamento do que o próprio prefácio do autor a *O controle do imaginário* (1984), onde traça um perfil da evolução de seu diálogo com sua própria produção, desde *Estruturalismo e teoria da literatura* (1973) até aquela obra.

A fascinação do analista foi, desde sempre, basicamente o estatuto do objeto literário, ou seja, a busca de resposta a uma questão: o que é a literatura? Como lembrávamos acima, o prefácio a *O controle do imaginário* é esclarecedor. Nele seu autor afirma haver uma certa continuidade, feita de mudanças nem sempre pequenas, em meio à reflexão desenvolvida de 1973 até hoje e exposta em diversos volumes. O início da trajetória é marcado por *Estruturalismo e teoria da literatura*, tese de doutoramento orientada pelo Prof. Antônio Cândido. Aí Costa Lima, segundo ele próprio, partia da idéia de que a mimesis era uma miragem e as tentativas dos críticos em analisá-la diziam menos dela do que das próprias crenças e valores desses críticos. Ao mesmo tempo que existiria a "literariedade", só seria possível chegar a ela através de uma total sublimação, por parte do analista, de seu universo de valores individual, o que seria tarefa impossível, como compreenderia Costa

Lima mais tarde, a não ser que aquele fosse investido de onisciência divina. Não se mostrando ele, pois, livre dos determinismos indesejáveis, a crença no super-poder não só da crítica como do crítico resultaria no fracasso de sua próprio tarefa.

*Mimesis e modernidade e Dispersa demanda*, ambos publicados em 1981, revelam a superação da contradição anterior e um passo adiante no entendimento do problema. Já não seria necessário nem fecundo negar ao crítico sua subjetividade. Possível seria apenas mantê-la sob vigilância, tendo ao mesmo tempo consciência da impossibilidade de um total desligamento do eu no processo de conhecimento do objeto. O salto teórico do analista tem algo de curioso: anteriormente há um sujeito sem subjetividade ou que se quer sem ela - o que é paradoxal - em busca de uma essência inalcançável, ao passo que num segundo momento o que há é um sujeito humanamente limitado que, através do reconhecimento de suas próprias determinações, reconhece também como historicamente determinado um fenômeno mais que humano: a ficção. Assinale-se nesse momento o encontro de Luiz Costa Lima com o grupo alemão da Escola de Constança, sobretudo Jauss, Iser e Gumbrecht, com os quais compartilhou dos mais frutíferos debates sobre a então nova "estética da recepção", fruto das recentes pesquisas principalmente de Robert Jauss e do grupo reunido em torno da brilhante publicação científica anual sobre literatura na Alemanha, denominada *Poetik und Hermeneutik*. Some-se a essa vivência a importância do pensamento de dois outros teóricos para o desenvolvimento das idéias de Costa Lima sobre o ficcional: Alfred Schütz e Edwin Goffman. Nesse segundo momento, além de reconhecer o analista como sujeito, Costa Lima passa a compreender a *mimesis*, e dentro dela a ficção, como um fenômeno histórico dependente, por sua vez, de seu reconhecimento como ficção pelo público. Estando este sempre sujeito a um determinado "horizonte de expectativa" (Gumbrecht), deixa o conceito de ficção de ser definível a priori por estar sempre ligado ao horizonte de expectativa vigente em cada época.

Poderíamos dizer que *O controle do imaginário* (1984) e *Sociedade e discurso ficcional* (1986) continuam esta linha de reflexão, o último especificando melhor as linhas gerais definidas no primeiro. A indagação central contida naquele é se os horizontes de expectativa, que poderíamos aproximar da noção de "frames" (Goffman) utilizada por Costa Lima, poderiam ser "ao menos parcialmente superpostos, de maneira que se captasse uma concepção meta-histórica de ficção". Ou: "seria possível definir a *mimesis* em termos transtemporais?" (p. 8 - 9). O reconhecimento do caráter histórico da *mimesis*, levando o analista à impossibilidade de defini-la através de constantes essenciais, impulsiona-o a buscar um conceito trans-histórico do fenômeno, que abrigaria a seguinte hipótese: a cultura ocidental desenvolveu-se sob um

veto imposto desde a baixa Idade Média, veto ao próprio ficcional, desde que a racionalidade básica estabeleceu uma diferenciação entre verdade e ficção, remetendo a última para o terreno do pernicioso e do falso. Tal veto, complementa Luiz Costa Lima em sociedade e disarso ficcional, se estende até os nossos dias, sendo praticado sobretudo pela estética naturalista, que se baseia no primado do documento e de uma concepção previamente estabelecida de realidade, sendo a imaginação deixada nas sombras do esquecimento.

### Silviano Santiago e os ensaios sobre dependência cultural

Ao lado de uma produção de poeta e romancista, Silviano Santiago é também uma das vozes mais fecundas do nosso ensaísmo, cultural. Em suas obras ensaísticas mais importantes, *Uma literatura nos trópicos* (1978), *Vale quanto pesa* (1981) e *Nas malhas da letra* (1989), figuram análises de temas político-culturais fundamentais para a compreensão do lugar ocupado pelo intelectual latino-americano e sua literatura no contexto ocidental.

Mesmo as análises propriamente literárias do autor partem de uma visão "não-inocente" do intelectual e das relações mantidas por ele em seu contexto sócio-político-cultural. Uma mesma linha de pensamento o liga à estética da antropofagia oswaldeandradiana e o aproximam de Gláuber Rocha e a estética da fome. O que há de comum entre os três é principalmente uma determinada postura política e, a partir dela, a tentativa de compreender o lugar ocupado pelas culturas colonizadas em sua relação com as metrópoles.

Poderíamos tentar definir as preocupações essenciais que aparecem na obra do ensaísta relacionando-as ao problema básico de identidade cultural que leva os intelectuais das chamadas culturas dependentes a tais questionamentos: quem somos? qual o estatuto de nosso discurso? qual a nossa origem? qual a nossa contribuição para a cultura ocidental?

Santiago parte do pressuposto de que toda cultura colonizada deve aceitar de saída a "mancha" original imposta pelo colonizador para poder, em seguida, dar a volta por cima. Nossa cultura original, portanto, não existe, porque foi destruída. O problema das relações culturais entre Europa e América Latina não se resolve, porém, na aceitação passiva das influências exercidas por aquela, senão num salto em que o colonizado, aceitando, sim, as influências, não o faz passivamente, pois as modifica e as devolve ao colonizador com a marca de sua contribuição. Esta atitude canibal não se faz, porém, harmonicamente, até porque o colonizador prefere continuar o jogo de poder exercido sobre o que considera mais "fraco" a ver nele um igual, capaz de

provocar influências. Ela é necessariamente agressiva, não subserviente, não colonizada, forçando entre as partes um tipo de relação contributiva mútua, um jogo de trocas e influências recíprocas através das brechas que acabem por favorecer à cultura dependente um "entre-lugar": nem o isolamento cultural, nem a simples aceitação dos valores impostos. Parafraseando o próprio Santiago, apesar de dependente, a cultura latino-americana também se quer universal.

Nos ensaios sobre dependência cultural, o analista trabalha com diversas categorias tomadas de empréstimo ou à antropologia, como a noção de "etnocentrismo", ou à sociologia econômica, como as de "dependência" e "colonialismo". Não raro, como o faz Derrida, utiliza ele o processo de interpretação de metáforas, a fim de encontrar o sentido encoberto pela linguagem. Ou, ao contrário, utiliza-se delas para fundir um sentido mais amplo aos enunciados. Perpassam por toda a sua obra as noções descontínuas de história e de progresso, lições de Lévy-Strauss. Esteado na idéia de interdependência é que Santiago tem estimulado no Brasil os estudos de literatura comparada, área onde se encontra também parte de sua arguta produção teórica.

### Roberto Schwarz e a crítica à importação de idéias

Roberto Schwarz faz parte do grupo formado pela Universidade de São Paulo e sob a herança de Antônio Cândido. Segue a linha de análise sociológica deste, e o que fundamenta suas idéias a respeito do fenômeno literário é o pressuposto de que "formas (literárias) são o abstrato de relações sociais determinadas".<sup>2</sup> Seus ensaios estão reunidos em *A sereia e o desconfiado* (1965), *O pai de família e outros estudos* (1978), *Ao vencedor as batatas* (1981) e *Que horas são* (1987). Mencionemos aqui apenas a importância de seus textos sobre o problema brasileiro da importação de idéias no século XIX, que exemplificou com bastante contundência em estudos comparativos sobre José de Alencar e Machado de Assis.

Segundo ele, a ideologia liberal européia foi transportada de seu solo natural e adotada com orgulho pelos intelectuais brasileiros do século passado, em sua ânsia de modernizar-se e ficar em dia com as idéias da metrópole. Ora, sendo realidade de nossa organização social, à época, de um lado o escravismo e de outro a ideologia do favor, através da qual ficavam encobertas as relações de exploração e desigualdade entre o "homem livre" e seu

---

2     Schwarz, Roberto: *Ao vencedor as batatas*, São Paulo: Duas Cidades, 1981.

protetor (fazendeiro, comerciante etc.), resultava a transplantação das idéias liberais em ideologização de uma ideologia ou, para repetir expressão criada pelo analista, tais idéias resultavam em "ideologia de segundo grau".

A análise sociológica do século XIX se desdobra, porém, a partir da análise literária dos romances alencarinos e machadianos. A transposição por Alencar do modelo do romance realista europeu, sobretudo o de Balzac, e sua junção à matéria local resultariam para o crítico em graves incongruências e defeitos formais na obra do romancista urbano. Tais defeitos, embora refletindo um vício histórico da vida pensante brasileira, resultariam em fraqueza literária que seria corrigida mais adiante pela ficção de Machado, que inverterá criticamente a função e o peso que matéria e personagens locais obtinham no romance alencarino, pondo-as em primeiro plano em relação ao enredo realista importado.

A leitura dos ensaios de Roberto Schwarz sobre este tema é tão capital para o entendimento, do "chão social" de nossas letras como a de *Raízes do Brasil* para se compreender a formação social e histórica da cultura brasileira. O ensaio intitulado "As idéias fora do lugar" foi mais tarde complementado por Maria Sylvia de Carvalho Franco em contundente entrevista, na qual a socióloga considera indispensável não só apontar o fato de que a ideologia liberal não nasceu entre nós nem resultou da crítica revolucionária aos valores do antigo regime, mas também verificar que papel desempenhou no funcionamento de nossa vida social, ao ser transplantada para nosso solo.<sup>3</sup>

### Walnice Nogueira Galvão e a crítica polêmica

O peso maior de Walnice Nogueira Galvão, também professora da Universidade de São Paulo, não consiste apenas em seus estudos sobre a obra de Guimarães Rosa e a guerra de Canudos, mas também na originalidade dos ensaios críticos reunidos em *Saco de gatos* (1976) e *Gatos de outro saco* (1981), em que seu olho crítico e a fina ironia de sua linguagem percorrem objetos tão diferentes quanto a nova MPB, as histórias em quadrinhos, Jorge Amado, o ensino universitário brasileiro e o indianismo.

Felizmente não se pode enquadrar Walnice nem numa escola crítica, através de cujos postulados fosse possível "defini-la", nem ligá-la a determinado grupo, cujo pensamento se refletisse através dela. Walnice Nogueira

---

3 Franco, Maria Sylvia de Carvalho "Cultura e dependência", *Jornal Movimento*, 29. 12. 1975.



Galvão é dona de uma voz crítica singular que, por falta de atributos mais determinantes, chamamos de "polêmica", por provocativa e sincera. Sua linguagem desdiz o enfado e o autoritarismo escondido de muitas análises "acadêmicas". Ela parece rir-se dessa crítica nas alturas, à medida que faz algo mais verdadeiro: faz crítica por dentro, de dentro do objeto. O que significa: nem toda análise sisuda é séria e a crítica mais aguda não precisa se vestir de bicho-papão.

### **Afonso Romano de Sant'Anna, o estruturalismo e a psicanálise**

Ao lado de uma significativa produção poética e da veia de cronista, Afonso Sant'Anna é também o ensaísta que, nos anos 60/70, começou a mexer com as idéias estruturalistas e mais tarde soube acolher aquilo que de bom a psicanálise tinha para oferecer à literatura. Data também dos anos 70/80 seu aproveitamento, para interpretação de aspectos da cultura brasileira, dos estudos de Bakunin sobre carnavalização. O resultado de tão diversas leituras, uma reflexão quase sempre de cunho intertextual, está presente sobretudo em *Análise estrutural de romances brasileiros* (1974), *Por um novo conceito de literatura brasileira* (1977) e *O canibalismo amoroso. O desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia* (1985). Este último livro, resultado de dez anos de pesquisa, demonstra bem a interdisciplinariedade do método de análise praticado por Afonso Sant'Anna, que utiliza categorias e procedimentos tanto psicanalíticos como antropológicos, históricos e sociais. A partir deste ponto de vista o autor demonstra aí a visão feminina dos poetas brasileiros, passando por todo o século XIX até metade do século XX e tomando o texto como "manifestação onírica social", ou seja, como forma de expressão do imaginário não só individual como do imaginário coletivo vigente em cada época.

### **José Guilherme Merquior e a crítica de idéias**

Pela vasta e sólida formação humanística, José Guilherme Merquior, recentemente falecido, é, mais que um crítico literário, um erudito e fino analista das idéias de seu tempo. Sua obra é extensa e tem o mesmo caráter universalizante com que o escritor trata a matéria brasileira, ampliando o seu

contexto e fazendo-a assumir uma significação mais plena e ampla. Não raro lhe tem sido imposto o selo de "elitista" ou "conservador", antes pelo fato de se opor abertamente às posturas irracionalistas dos sociologismos de algi-beira, traduzidos em linguagem clichê e medíocre, do que por razões de causa. Porém, conservador ou não, deve-se atribuir importância à sua obra, que passa em análise tanto a moderna cultura ocidental como submete a literatura brasileira a um jogo de relações tanto mais original quanto mais revelador de seus aspectos universais. Destacam-se como suas obras mais expressivas: *A astúcia da mimese* (1972), *Saudades do carnaval: introdução à crise da cultura* (1972), *Formalismo e tradição moderna. O problema da arte na crise da cultura* (1974), *O fantasma romântico e outros ensaios* (1980) e *As idéias e as formas* (1984).

### **Benedito Nunes, crítica literária e filosofia**

A tônica da pequena mas significativa obra de Benedito Nunes está em que estabelece, devido talvez à sua formação basicamente filosófica, constantes ligações entre filosofia e análise literária, algo quase que inteiramente incomum em nossas letras. Destaque-se de sua obra *O dorso do tigre* (1969), em que aos ensaios puramente filosóficos se acrescentam pertinentes análises também de problemas filosóficos na obra de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa e João Cabral de Melo Neto.

### **A crítica emergente: Flora Sussekind e outros**

Espanta como, sendo tão jovem, Flora Sussekind já tenha conseguido ou venha conseguindo marcar um lugar de relevo na crítica brasileira. Parece que nela reuniram-se de uma só vez as boas qualidades de todos os que teve como mestres e dos quais certamente não só recebeu influências como soube tornar nítidas as diferenças, numa prova de maturidade e desenvolvimento intelectual próprio desejáveis. Basta ler a prosa de Flora Sussekind para se ter a certeza de que se está à frente de um talento crítico que não dispensa o bom-humor e que é capaz de confrontar-se, com o mesmo preparo e a mesma inteligência, com objetos da mais diversa natureza, desde o teatro, passando pela música, até a literatura.

Sua importância cresce na mesma proporção de sua obra e por este motivo achamos por bem destacá-la do conjunto de novos críticos que têm surgido nos últimos anos. Entre seus livros, publicados a partir de 1982, *O negro como Arlequim* (1982), sobre os personagens negros na literatura brasileira da segunda metade do século XIX, *O sapateiro Silva* (1983), em colaboração com Raquel Valença, sobre a poesia brasileira do século XVIII; *Cultura e sociedade em Manoel Bonfim* (1984), em colaboração com Roberto Ventura, sobre o uso de metáforas em um texto de ciências sociais, salientamos os dois mais recentes, *Tal Brasil, qual romance?* (1984), tese de mestrado orientada por Silviano Santiago, e *Literatura e vida literária* (1985). Trata-se aquele de um estudo sobre a estética naturalista e sua recorrência na literatura brasileira, reflexão que se aproxima e se completa com a de Luiz Costa Lima sobre o veto ao ficcional nela predominante. Do mesmo modo fecundo, embora sintético, é o balanço que faz da literatura brasileira dos últimos vinte anos em *Literatura e vida literária*. Aqui, Flora Sussekind aponta com acuidade traços e linhas gerais dominantes na literatura desse período, fazendo entre eles e a situação política e social do país lúcidas aproximações. O opúsculo, que se queria crer superficial, não é de maneira alguma descartável, além de fornecer, como de resto toda a prosa da autora, agradabilíssima leitura.

No final deste balanço, incompleto e de peso desigual, em que a impossibilidade de deter-me com igual profundidade sobre todos os autores é um risco de torná-lo injusto, resta-me mencionar outros nomes e obras que num ensaio de natureza mais ampla não poderiam deixar de constar, como é o caso de Eduardo Portella, sobretudo com os seus *Dimensões (I, II e III)* (1959) e *Fundamentos de investigação literária* (1974). Wilson Martins, com a enciclopédica *História da inteligência brasileira*, 7 volumes (1977 a 1979), e seu rodapé diário no "Jornal do Brasil"; João Luiz Lafetá, sobretudo com *1930: A crítica e o modernismo* (1974), Heloísa Buarque de Hollanda, com *Patrulhas ideológicas* (1980) e *Impressões de viagem* (1980), Leyla Perrone-Moisés, com *Texto, crítica, escritura* (1978) e outros mais jovens espalhados pelo Brasil, como Roberto Ventura e Davi Arrigucci junior, no Rio de Janeiro; Jorge Schwarz e Nicolau Sevechenko, em São Paulo; Eneida Maria de Sousa e Letícia Malard, em Minas Gerais; Raul Antello, em Santa Catarina; Flávio Kothe, Regina Silbermann e Tania Carvalhal, no Rio Grande do Sul; David Salles, recentemente falecido, na Bahia, Neuma Fecchine, na Paraíba e outros. Devemos citar também as revistas literárias mais importantes, cuja pesquisa é fundamental para conhecimento mais completo dos autores citados neste ensaio: *Tempo brasileiro*, *Novos estudos (CEBRAP)*, *Revista de civilização brasileira* e *Cadernos de opinião*.

A partir deste quadro geral de linhas de reflexão e preocupações tão diversificadas, nada mais tentador que concluir, com o mesmo otimismo de

Antônio Cândido em 1972, que, quando nada, a crítica brasileira vai bem. Tal conclusão, porém, só seria ilusória, em se lançando um olhar geral à cena cultural brasileira, onde ainda domina um clima de igreja, o debate é tomado como intriga, a carência de recursos, o atraso inevitável em relação às discussões internacionais, o difícil acesso às fontes de pesquisa, enfim, as péssimas condições de trabalho do intelectual só desestimulam o exercício crítico. Ao invés de se louvar o atual sistema intelectual brasileiro, é preciso antes contribuir para que ele venha a ser, como afirmou Luiz Costa Lima, "menos chegado ao fácil e ao fóssil. Ou que, pelo menos, saiba dar lugar aos inventores".<sup>4</sup>

---

4     Lima, Luiz Costa: prefácio a Flora Sussekind, *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.